

em ordem directa, deixando-se o seu sentido de pergunta a cargo sómente da inflexão da voz, ex.: «*Tu queres vir almoçar commigo?*»

- 3) Com verbos no imperativo, o pronome sujeito, si vem claro, pospõe-se, ex.: «*Dize Tu — Correi Vós.*»

Observa-se ainda o mesmo nas sentenças negativas em que o imperativo é substituído pelo subjunctivo presente, ex.: «*Não digas tu — Não corrais vós.*»

- 4) Com verbos no subjunctivo, si é expressa a conjuncção de subordinação, o sujeito, quer seja representado por um pronome, quer por substantivo, antepõe-se geralmente, ex.: «*Desejo QUE ELLE venha, ANTES QUE OS CRIADOS tenham sahido.*» Si fica occulta a conjuncção, o sujeito pospõe-se, ex.: «*Oxalá tenha ELLE vida!*»
- 5) Com verbos no infinito e no participio, pospõe-se o sujeito, ex.: «*Fallares TU assim é indecoroso.* — MORTO PEDRO, *ninguem mais reinard.*»
- 6) Com verbos no infinito perfeito, o sujeito, pronome ou substantivo, fica geralmente entre o auxiliar e o participio aoristo, ex.: «*Ter EU faltado á palavra — Terem OS FRANCEZES chegado tarde.*»
- 7) Servindo a phrase infinitiva de complemento a uma preposição, antepõe-se geralmente o sujeito, ex.: «*Para EU comer — Em PAULO chegado.*»
- 8) *Eu* antepõe-se a *tu*, e *tu* a *elle*, *ella*; nós antepõe-se a *vós* e *vós* a *elles*, *ellas*, ex.: «*Eu e tu estamos bons — Tu e elle sois ricos.*»

Dizer *tu e eu*, *elle e tu*, etc. é francezismo injustificavel.

446. A collocação dos pronomes objectos nas sentenças effectua-se de accordo com os preceitos seguintes:

- 1) Com o verbo no indicativo, o pronome objecto
 - a) nos tempos simples, excepto o futuro, antepõe-se ou pospõe-se indifferentemente, ex. : «*Eu TE amo* OU *amo-TE*».
 - b) nos tempos compostos, excepto o futuro anterior, antepõe-se ou pospõe-se ao auxiliar, ex. : «*Nós o temos visto* OU *temol-o visto*».
 - c) no futuro anterior, antepõe-se sempre ao auxiliar, ex. : «*Tu nos terás visto—Elle o terá querido*».
 - d) nos tempos simples dos verbos pronominaes, e em todas as pessôas verbaes que têm o accento tonico sobre a ultima ou sobre a penultima syllaba, exceptuado sempre o futuro, antepõe-se ou pospõe-se, contanto que não resulte equívoco ou collisão de sons, ex. : «*Eu ME quixei* OU *quixei-ME—Eu ME queixo* OU *quixo-ME*».

Estas construcções «*Vós queixais-vos — Nós queixavamos-nos*», são de difficil enunciação: deve se dizer «*Vós vos queixais—Nós nos queixavamos*».

- e) nas sentenças negativas, geralmente antepõe-se ex. : «*Elle ME não quer*».
- 2) Com verbos no imperativo, o pronome objecto
 - a) em sentenças affirmativas pospõe-se sempre, ex. : «*Mata-ME—Julgae-ME vós*».
 - b) em sentenças negativas, em as quaes o imperativo é substituido pelo subjunctivo, antepõe-se, continuando posposto [428-3] o pronome sujeito, ex. : «*Não ME descubras tu!*».
 - 3) Com verbos no subjunctivo, o pronome objecto antepõe-se sempre, seja a sentença affirmativa, seja negativa, ex. : «*Que elle ME veja—Si nós o sou-*

bessemos — Si elles nos não tivessem avisado — Quando elles, ME tenham visto”.

Ha a notar que nas sentenças negativas, em todos os modos e tempos, colloca-se o pronome objecto entre a negação e o verbo; todavia, nos tempos do subjunctivo, precedidos de *quando, como, si, etc.*, encontra-se não raro o pronome objecto antes de negação ex.: *Si tu me não tivesses dito—Quando eu o não descubra*. Assim, é, mais correcto.

- 4) Com o verbo no infinito pessoal, o pronome objecto antepõe-se ao sujeito, ex. : «*Descobrires-me tu*».

Si, porém, a phrase do infinito pessoal é complemento de uma preposição, o sujeito antepõe-se ao pronome objecto, e ambos ao verbo, ex.: «*Para tu me descobrires—Sem vós me verdes*». Póde-se tambem dizer, deixando o sujeito depois do verbo «*Sem o vermos nós*».

- 5) O pronome objecto, o pronome em relação objectiva adverbial e a particula apassivadora, *se* nunca devem começar a sentença : Seria incorrecto dizer «*Me querem lá—Te vejo sempre—Nos parece—Vos offereço—Lhe digo—Lhe peço—Se contam cousas feias—Se diz que elle vai, etc.*» Deve-se dizer «*Querem-me lá—Vejo-te sempre, etc.*»

- 6) Com verbos no indicativo futuro e no condicional imperfeito, usa-se de uma construcção especial : insere-se, por tmése, o pronome objecto entre o radical do verbo e a sua terminação, ex. : «*Amar-te-á—Ver-te-ia*».

Si o sujeito do verbo, nestes casos, está claro e é representado por pronome substantivo, melhor será construir «*Elle te amará—Elle te veria*».

- 7) Nas sentenças negativas, estando o sujeito occulto, o pronome objecto antepõe-se sempre, ex.: «*Não TE espero mais—Não ME fallarias assim—Si o não quizerem*».
- 8) Com o verbo no infinito pessoal, estando o sujeito occulto, é indifferente antepôr ou pospôr o pronome objecto, ex.: «*Sem o ter ou Sem tel-o*».
- 9) Com dous verbos no infinito, colloca-se o pronome objecto ou antes do primeiro, ou depois do segundo, ou entre ambos, ex.: «*Sem nos poder vêr, ou Sem poder vêr-nos, ou Sem poder-nos vêr*».
- 10) Nunca se colloca o pronome objecto, depois do participio aoristo de tempo composto: assim, não se diz «*Havendo visto-TE*» mas sim «*Havendo-TE visto*».

447. Os pronomes substantivos em relação objectiva ou objectiva adverbial, que seguem o verbo, são considerados enclíticos, e ligados por um hyphen, ex.: «*Ana-me—Dei-te um livro*».

448. Quando, completando a significação de um verbo, vêm dois pronomes substantivos, um em relação objectiva e outro, em relação objectiva adverbial, este, que representa o dativo latino, vai em primeiro lugar, ambos são considerados enclíticos e presos ao verbo por hyphens, ex.: «*Vendeu-mo (vendeu-me-o—Tomou-lha (tomou-lhe-a))*».

449. Vindo, porém, *se* na construcção, elle é que sempre occupa o primeiro lugar, embóra esteja em simples relação objectiva, ex.: «*Converte-se-me o filho—Imputa-se-me um erro*».

450. Os pronomes substantivos, em relação objectiva ou objectiva adverbial admittem uma construcção especial, pelo povo rude em Portugal. O pronome sujeito pospõe-se ao pronome objecto ou em relação objectiva adverbial, ex.

«*Si vos é grave de vos EU bem querer—É como A TU que-
res—É como LHE EU digo—Assim que LHE NÓS garanti-
mos*».

451. *O, a, os, as*, vindo depois de uma fôrma de verbo terminado em *r, s*, ou *z*, fazem com que qualquer dessas modificações se mude em *l*, ex.: «*Anal-o—ama-
mol-o—fil-o*» por «*Amar-o—amamos-o—fiz-o*».

452. *O, a, os, as*, tambem convertem em *l* o *s* das fôrmas *nos, nos*, ex.: «*Nol-o—Vol-a*» por «*Nos-o—Vos-a*».

453. *O, a, os, as*, vindo depois de um verbo terminado por voz ou por diphthongo nasal, exigem a intercalação de um *n* euphonico, ex.: «*Tem-n-o—Dizem-n-o—Dão-
n-o—Amavam-n-o*».

454. *O, a, os, as*, absorvem o *e* das fôrmas *me, te, lhe*, ex.: «*Mo—ta—lhos*» por «*Me-o—te-a—lhe-os*».

455. *O, a, os, as*, em concurso com *lhes* exigem a quêda do *s*, absorvem o *e*, e formam «*Lho—Lha—Lhos—
Lhas* (257)».

456. *Nos, vos*, quando seguem immediatamente as fôrmas verbaes em *nos*, exigem a quêda do *s* dessas fôrmas, ex.: «*Amamo-nos—Queremo-vos*» por «*Amamos-nos—
Queremos-vos*».

§ 4.º

Emprego pleonastico de pronomes substantivos

457. Com os verbos *parecer* e *querer-parecer* (composto) empregam-se pleonasticamente, e de modo como que anti-grammatical, os pronomes substantivos da primeira pessoa do singular, e do plural, em relação subjectiva, ex.: «*Eu parece-me que Pedro é rico—Nós quer-nos parecer que não vamos*».

Este uso, auctorizado pelo fallar do povo e mesmo por escriptores como Garret, não exige grande somma de attenção para ser entendido: é

um jogo rethorica instinctiva, A pessoa que falla, faz uma reticencia depois do pronome, e muda de phrase. Este modo de expressão torna-se clarissimo assim pontuado: *Eu... parece-me que Pedro é rico—Nós... quer-nos parecer que não vamos*. Em vez, pois, de ser erro, é uma figura cheia de naturalidade e bellissima.

458. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva, como explanação de um ou de mais substantivos já expressos, ex.: «*A lingua dessa terra não a sabiam elles.—Pinturas e pelejas melhor é vê-las de longe*».

459. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial, como explanação de adjectivos determinativos possessivos já expressos, ex.: «*Seu pae delle—Sua formosura della*».

Pelo que se pôde inferir dos exemplos classicos, este uso só se dá com os pronomes substantivos da terceira pessoa do singular e do plural.

460. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial, como explanação de outros pronomes substantivos já expressos em relação objectiva, ex.: «*Eu feri-me a mim—Vós os vistes a elles*».

461. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de pronomes substantivos já expressos em relação objectiva adverbial, ex.: «*Parece-me a mim—Dei-lhes um livro a elles*».

462. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva adverbial, como explanação de um ou de mais substantivos já expressos: «*Ao doente, não se lhe ha de fazer a vontade*».

463. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial, prestam-se em Portuguez a um idiotismo de grande força de expressão. Collocados de certo modo na sentença, não se subordinam á regencia e traduzem por parte de quem falla, curiosidade, desejo, etc., ex.: *Quem é que ME*

anda a escrever artigos de philologia na Gazeta?—
Quem ME déra uma coça naquelle velhaco!» A's vezes é
 expletivo, ex.: «*Qual pleuriz, nem qual carapuça! E' co-
 mer-LHE e beber-LHE, que ha de passar!*»

Estes processos pleonasticos, que contribuem muito para a clareza e elegancia da expressão, encontram-se em varias linguas romanicas, em Latim barbaro, om Latim classico, em Grego moderno, em velho Alto Allemão, em Inglez, em Dinamarquez, em Sueco. Diz-se, por exemplo, em Hespanhol: «*Las ramas que lo peso de lu nieve las desgaja—A mi hermano le parece*»: em Latim barbaro: «*Ipsam civitatem restauramus eam* (1)»; em Latim classico: «*Quem neque fides neque jusjurandum neque illum misericordia repressit* (2),

§ 5.^o

Uso particular de alguns pronomes demonstrativos

464. Os pronomes adjectivos demonstrativos *este, esse, aquelle* prestam-se a uma construcção elliptica e comparativa que, revestindo o pensamento de uma fórmula vaga, dá-lhe grande belleza. Em vez de dizer-se por exemplo, «*Esta cousa que parece ninho—Essas cousas que parecem astros—Aquellas cousas que parecem estrellas*», diz-se, «*Este como ninho—Esses como astros—Aquellas como estrellas*». O pronome toma o genero e o numero do termo de comparação.

465. O adjectivo indefinito presta-se tambem á construcção similhante, e assume então verdadeiro caracter de pronome demonstrativo. A concordancia é tambem com o termo de comparação, ex.: «*Um como ninho—Uma como nuvem*».

1) *España Sagrada*, XL, 365.

2) *Terentius, Adelphi*, Act. III Sc. 2.

Em Francez, existe uma construcção analoga a esta, com a differença, porém, de vir o artigo depois de *comme*, ex.: "*Japerçus comme une forêt de mâts de vaisseaux* (1)"

§ 6.º

Pronomes conjunctivos

466. *Que, quem* sempre se referem a um nome da clausula principal. Esse nome chama-se *antecedente*: pôde ser masculino ou feminino; do singular ou do plural.

467. Nas sentenças interrogativas, o pronome *que* admite depois de si o nome a que se refere, ex.: «*Que homem é este?—Que casas são aquellas?*»

468. *Quem*, equivalente exacto de *homem que, mulher que, pessoa que, homens que, mulheres que, pessoas que*, por isso que encerra em si o seu antecedente, não pôde ter antes ou depois de si nome a que se refira ex.: «*Conheço quem escreveu o artigo—Vi quem me quiz offender*».

Quem (*qu'hem*—*que homem*) tem a sua syntaxe exactamente modelada pela syntaxe latina: frequentemente cala-se em Latim o substantivo antecedente de um pronome conjunctivo, e exprime-se o subsequente: Lê-se por exemplo em Cesar (2): «*Santones non longe a Tolosatium finibus absunt, quæ civitas est in provincia*».

469. Sendo *quem* governado por uma preposição, pôde referir-se a um antecedente, que é sempre nome de pessoa, ex.: «*O homem a quem demos o livro—As mulheres de quem comprámos fructas*».

Os escriptores antigos empregavam *quem* em referencia a cousas: é syntaxe anti-historica, e por conseguinte, pouco digna de imitação.

1) Fénelon, *Télémaque*, Livre II.

2) *De Bello Gallico*, I, 10.

Com a preposição *sem* usa-se o *qual*, a *qual*, os *quaes*, as *quaes* dizendo-se *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quaes*, *sem as quaes*, e não *sem quem* que formaria um echo desagradavel.

470. *Qual*, considerado como pronome conjunctivo, é sempre precedido do artigo: «*o qual*, *a qual*», etc. Serve para variar a phrase, evitar amphibologias, que se poderiam dar com o uso de *que*.

471. *Qual* faz as vezes dos demonstrativos *este*, *esse*, *aquelle* e em taes casos figura sem artigo, ex.:

Qual, do cavallo vòu que não desce;
Qual, co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual, vermelhas as armas faz de brancas;
Qual, co'os pennachos do elmo açouta as ancas (1)»

472. *Qual*, empregado como interrogativo não admite artigo, ex.: «*Quaes são teus amigos—Qual é o teu?*»

473. *Cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas*, equivalem perfeitamente a *de que*, *de quem*, *do qual*, *da qual*, *dos quaes*, *das quaes*, e por consequencia, só devem ser empregados, quando podem ser substituidos por esses equivalentes, ex.: *O menino, cujo mestre sabe ensinar—As meninas, cuja mes'ra é indolente*».

O pronome *cujo*, tomado em todas as suas flexões do genitivo latino *cujus*, conserva a força plena do caso originario, e só pôde ser empregado em phrases restrictivas. O uso de *cujo* como predicado e sem ter antecedente claro, si bem que classico e correcto, é archaico, ex.: «*Cujo é o ganado—Cujas são estas arvores?*» O uso actual de *cujo*, é fazello servir de sujeito, de objectivo de verbo ou de regimen de preposição, dando-lhe antecedente claro, e fazendo-o seguir immediatamente do nome com quem concorda (Vide 429).

1) *Lusiadas*, logar já citado.

§ 7.º

Pronomes indefinitos

474. *Alguem* é equivalente exacto de «alguma pessoa», e *ninguem* de «nenhuma pessoa».

475. *Outrem* é equivalente exacto de «outra pessoa».

Actualmente mais se emprega *outrem* depois de preposição, ex. : «*Não faças a outrem o que não queres que te façam*». Todavia, pôde-se empregar como sujeito de sentença, ex. :

«*Que nunca tirará alheia inveja*
O bem que outrem merece e o céu deseja (1)

476. *Tal* considerado como pronome indefinito prescinde do artigo, ex. : «*Eu não disse tal—Nós não soubemos tal*»,

Alguns grammaticos consideram *tal*, nestes casos, como adverbio, e fundam-se no facto de se construir *tal* com verbos intransitivos, ex. : «*E' verdade que estiveste em Paris? Não estive tal*».

Em estylo familiar, usa-se *tal* como artigo para indicar pessoa ou cousa personificada, de que já se fallou, ex. : «*Lá está o tal—Ahi vêm as taes*».

V

VERBO

§ 1.º

Sujeito

477. Toda a palayra que serve de sujeito a um verbo, põe-se em relação subjectiva.

1) *Lusiadas*, Canto I, Est. XXXIX.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o sujeito é um pronome substantivo, ex. : «EU vejo as arvores—TU queres pão».

Notam-se as seguintes excepções :

- 1) O pronome substantivo sujeito de um verbo no infinito dependente de um verbo no finito (1) põe-se em relação objectiva, ex.: «*Eu vi-o caminhar ás pressas—Deixa-o ir*».

Esta syntaxe, commum a varias linguas romanicas, é tomada directamente do Latim, em o qual o sujeito do verbo no infinito vai para accusativo. E' erro vulgar no Brazil usar-se em casos taes da relação subjectiva; diz-se por exemplo, «*Vi elle caminhar ás pressas—Deixei elle ir*».

- 2) Quando o infinito de um verbo transitivo, que governa um objectivo ou uma phrase equivalente a um objectivo, se construe com os verbos *deixar, fazer, ouvir, ver*, o sujeito desse infinito, si é um pronome substantivo, pôde-se pôr em relação adverbial, e tambem em relação objectiva adverbial, ex. : «*Deixa ao vento levar magnas—Fiz a muitos verter lagrimas—Ouvi-lhe dizer que não vinha—Veja-me erguer este peso*»

Todas estas sentenças contém dous verbos com duas pessoas activas, das quaes uma, em sua qualidade de sujeito, *deixa, faz, ouve, vê*; e outra opéra em relação á vontade ou á sensação da primeira. Si por parte da segunda pessoa não ha acção, usa-se de qualquer outro torneio de phrase (2).

1) Chamam-se *finitos* os quatro modos, indicativo, imperativo, conditional e subjunctivo.

2) *Diez*, *Obra citada*, vol III, pag. 122—123.

478. Os pronomes substantivos em relação adverbial nunca podem servir de sujeitos, nem mesmo nas phrases infinitivas que vêm depois de uma preposição. Em taes casos, usa-se da relação subjectiva, ex.: «*Esta laranja é para EU comer*».

No Brazil pecca-se contra este preceito, dizendo-se «*Para mim comer etc.*».

479. O sujeito, mórmente quando pronome substantivo, póde e até deve ser omittido, sempre que de tal omissão não resulte escuridade do sentido.

480. Não se póde em geral fazer omissão do sujeito, ainda mesmo sendo elle pronome substantivo :

1) nas clausulas que têm sujeito diverso, ex. : «*Eu me RIO e tu CHORAS—Si tu FICAS, eu PARTO*».

2) nas sentenças emphaticas e nas intimativas, ex. : «*EU SEI que Pedro tem dinheiro—NÓS te ORDENAMOS que vds.*».

481. Os pronomes adjectivos indefinitos *quanto, tanto*, nunca estão em relação subjectiva e, conseguintemente, nunca podem servir de sujeitos.

§ 2.º

Predicado

482. A palavra que serve de predicado ao sujeito de um verbo, si é pronome substantivo, assume a relação flexional desse sujeito, isto é toma a flexão da relação subjectiva, ex. : «*Eu não sou tu—Si tu fosses elle*».

483. O predicado, quando é representado por um

pronome substantivo da terceira pessoa, referente a um ou mais substantivos mencionados na sentença ou na clausula anterior, assume a flexão da relação objectiva, ex.: «*Es tu o rei? Eu o sou -- Estarás tu cansado? Não o estou.*».

Sobre a concordancia destes pronomes substantivos da terceira pessoa em relação predicativa, e digna de ler-se a seguinte elucidação de Brachet (1), elucidação que, substituído *illud* por *hoc*, pode-se applicar sem restricções ao Portuguez;

«O quando não designa pessoas, mas sim cousas, como nesta phase: «*A Polonia perecerá, eu o prevejo*», significa isso, vem do Latim *illud* e «nos representa quasi o unico resto do genero neutro que possuímos ainda em Francez. Eis o que nos explica porque ás perguntas «*Sois vós a mãe deste menino?*» ou «*Sois vós a doente?*» torna-se necessario responder «*Eu a sou*» isto é, *Eu sou a pessoa de que fallais*; ao passo que ás perguntas «*Sois vós mãe?*»—«*Estais vós doente?*» a resposta deve ser «*Eu o sou—Eu o estou, illud*», isto é, *eu sou isso, é assim que eu estou; é o que me tendes perguntado; possuo a qualidade de mãe; estou em estado de doença*».

484. O predicado quando é representado por um substantivo que não tem flexão de genero, ou que é usado em um unico numero, prescinde da concordancia com o sujeito, ex.: «*Nós somos a directoria da sociedade — Albuquerque, tu foste as algemas da Asia*».

Os pronomes, em geral, podem todos servir de predicado, ex.: «*Quem és tu?—Quantos são elles? Tantos somos, quanto sois*».

§ 3.º

Objecto

485. Toda a palavra que serve de objecto a um verbo, põe-se em relação objectiva.

(1) *Obra citada pag. 93.*

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o objecto é representado por um pronome substantivo, ex.: «*Eu o vejo--Queres-me muito*».

Pôr em relação subjectiva o pronome substantivo, que serve de objecto a um verbo, é erro comezinho no Brazil, até mesmo entre os doutos: ouvem-se a cada passo as locuções incorrectas «*Eu vi elle--Espere eu*».

486. Para evitar ambiguidade de sentido, põe-se em relação adverbial o objecto representa pessoa ou ser vivo geral, ex.: «*Cesar venceu a Pompeu--A mulher ama ao marido--O caçador matou ao leão*».

Esta regra, quasi de rigor na lingua hespanhola, não o é tanto em portuguez: Camões escreveu «*Quando Augusto o capitão venceu--Gente que segue o torpe Mafamede*».

487. Alguns verbos como *achar, appellidar, chamar, congnominar, considerar, constituir, corôar, crer, declarar, deixar, descrever, dizer, eleger, escolher, fazer, instituir, julgar, jurar, nomear, pintar, representar, reputar, sagrar, saber, suppôr, tornar, trazer*, admitem, além do objecto, um attributo d'elle em relação objectiva, o qual pôde ser substantivo ou adjectivo, ex.: «*Achei-o Presidente--Elegeram-me juiz--Julgo-o rico--Tornaram-n-o louco*».

488. Com os verbos *conhecer* e *ter*, esse attributo do objecto pôde ser posto em relação adverbial, por meio da preposição *por*, ex.: «*Eu conheço-o por Pedro -- Tenho-o por filho*».

489. O attributo do objecto dos verbos mencionados acima (464--465) presta-se tambem a ser construido com *como*, ex.: «*Achei-o como Presidente -- Conheço-o como Pedro--Tenho como filho*».

Estas tres ultimas construcções (487--488--489) tambem têm logar

estando o verbo na voz passiva, ex.: «*Fui eleito juiz—Elle é conhecido por Pedro—Sou tido como filho*».

Todavia a construcção de verbos como *conhecer* e *ter* (488) em voz passiva com a preposição *por* dá logar a uma ambiguidade de sentido que seria conveniente evitar.

§ 4.º

Significação transitiva e significação intransitiva

490. Os verbos transitivos, si são tomados em sentido geral, dispensam o objecto, e tornam-se intransitivos, ex.: «*Este critico louva muito—Antonio come pouco—Pedro não estuda*».

491. Muitos verbos transitivos assumem significação intransitiva, e a palavra que representa o objecto põe-se então em relação adverbial, por meio de uma preposição. Taes são entre muitos outros verbos *consentir, crer, dominar, emular, encontrar, esperar, gosar, guerrear, habitar, egualar*. Diz-se igualmente «*Consinto isso ou nisso—Creio o que dizes ou no que dizes — Pedro emula-me ou emula commigo—Habitar a terra ou na terra*».

492. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, isto é, a actividade de muitos verbos, restringida originariamente ao sujeito, pôde ser dirigida para um objecto externo. Pertencem principalmente a esta classe os verbos que têm sua causa nesse objecto externo, taes como *escarnecer, gritar, anhelar, trabalhar, chorar*, e até o verbo *calar*, que é de todo destituido de actividade. Também filiam-se nesta classe os verbos que significam locomoção, como *andar, subir, correr, dansar, saltar, passear, descer, navegar*. Na construcção destes ultimos o logar em que se produz a actividade toma ares de ser objecto della. Diz-se por exemplo «*Escarnecer o amor—Gritar o cão—Anhelar o enlace—Chorar amigos mortos—*

Calar motivos—Andar terras estranhas—Subir morros—Correr valles—Dansar o circo—Saltar fossos—Passeiar cidades—Descer o rio—Navegar mares.

493. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, quando têm sentido fictício, isto é, quando o sujeito suscita no objecto a actividade expressa pelo verbo, sendo que essa actividade pertence ao objecto, limitando-se o sujeito a provocar apenas a manifestação della. Taes verbos são, entre outros muitos, *cessar, correr, crescer, demorar, descer, desesperar, entrar, levantar, montar, parar, passar, resurgir, resuscitar, subir, tinir, tocar, tombar, chegar*, ex.: «*Cessamos o fogo—As ruas corriam sangue—Cresci-lhe o ordenado—Entrámos estacas na terra—O general montou toda a infantaria*». A construção ordinaria destes exemplos seria «*Fizemos cessar o fogo—Fiz-lhe crescer o ordenado*, etc.»

494. O participio aoristo de verbo *morrer* pôde ser empregado com significação transitiva, ex.: «*O leão tem morto muitos carneiros*».

495. Muitos verbos intransitivos, para animar ou reforçar a expressão, se fazem acompanhar de um substantivo do mesmo radical em relação objectiva: esse substantivo pleonastico apparece raras vezes só na sentença; de ordinario é acompanhado de um attributo que lhe determina a significação. Taes são entre outros muitos, *brincar, caminhar, cavalgar, contar, ferir, morrer, sonhar, sôar, vestir, viver*. Diz-se «*Brincar maus brinquedos—Caminhar longo caminho—Cavalgar bons cavallos—Contar contos incriveis—Ferir largas feridas—Morrer morte affrontosa*, etc.»

Ha exemplos deste uso com substantivos não identicos, mas apenas analogos em significação, ex.: «*Dormir somnos—Ferir golpes—Ir caminho—Temer medos—Chorar lagrimas*».

496. Os verbos intransitivos *dormir* e *viver* assumem

significação transitiva, tomando por objecto o substantivo que representa o tempo durante o qual se dormiu, viveu, ex.: «*Dormi duas horas—Viverei muitos annos*».

«Alguns grammaticos querem que haja nestas sentenças ellipses de *por*: *Dormi por duas horas—Viverei por muitos annos*.

497. O verbo intransitivo *passar* presta-se a identico uso, e toma por objecto substantivos de tempo, de logar e mesmo de circumstancias, ex.: «*Passámos frios—Passámos fomes*».

498. Os verbos intransitivos *custar*, *pesar*, *valer*, quando seguidos de substantivos que representam o custo, o peso, o valor, assumem significação transitiva, tomando por objectos esses mesmos substantivos de custo, de peso, de valor, modificados ou não por adjunctos attributivos, ex.: «*Esta espingarda custou 30 libras — Esta moeda pesa quatro oitavas—Este livro vale cem mil réis*».

§ 5.º

Voz activa e voz passiva

499. Os verbos intransitivos não se empregam na voz passiva. Todavia, os verbos intransitivos, tornados transitivos, em virtude das regras do paragrapho antecedente, são susceptiveis de construcções em voz passiva, ex.: «*As noites mal dormidas—Os golpes feridos — A ponte passada*».

500. Quando o verbo transitivo ou intransitivo, tomado transitivamente, está na voz passiva, o agente é representado por um substantivo posto em relação adverbial por meio da preposição *por* ex.: «*O veado foi dilacerado PELO leão—As lagrimas choradas POR Antonio*»

Com alguns verbos emprega-se *de* em logar de *por*, ex.: «*Acompanhado DE muitos amigos—Tomado DE medo*».

O caso agente do verbo passivo era representado em Latim por ablativo, regido de *a* ou *ab*, por accusativo regido de *per*, e por dativo; destas tres construcções só passou para o Portuguez a do accusativo regido de *per*, preposição que se conservou inalterada até o seculo XVI, e que dahi em diante foi-se pouco a pouco convertendo em *por*, unica actualmente em uso (1) Vide 581—582).

501. O portuguez não tem fôrma especial para a voz passiva: suppre-se esta falta com tempos do verbo *ser* e particípios aoristos, da maneira indicada na tabella n.º 9.

502. Nas phrases de sentido geral, quando não é necessario pôr claro o agente, apassivam-se verbos nas terceiras pessoas do singular e do plural, por meio do pronome *se*, considerado então como MERA PARTICULA APASSIVADORA, ex.: «*Queima-se o campo—Concertam-se relógios*».

Grande debate tem suscitado esta particula *se*, entre os grammaticos portuguezes: a ultima palavra sobre a questão foi dita pelo eminente linguista, sr. Adolpho Coelho (2), que, estribado nas doudas investigações dos mestres allemães, elucidou-a cabalmente, filiando este processo portuguez de conjugação, no puro processo latino.

Cumpre todavia notar que, por meio do *se*, só se apassivam verbos cuja acção não possa neste caso ser exercida pelo sujeito. E a razão é que, podendo o sujeito exercer a acção, dar-se-ia ambiguidade de sentido: com effeito «*O homem feriu-se* não é o mesmo que «*O homem foi ferido*», porque o homem poderia ter-se ferido a si proprio. Em *Concertam-se relógios* não se dá ambiguidade; tal phrase equivale exactamente a «*Relógios são concertados*», porquanto relógios não podem concertar-se a si propios.

Comquanto seja muito commum em Portuguez este uso de apassivar por meio de *se* verbos cujo agente deve ficar indeterminado, phrases ha em que elle é abusivo, e que portanto melhor se construirão com outro torneio. Taes são as phrases em que entra o verbo *ser*, e em geral todas aquellas que podem ter como sujeito claro *homem*, *pessoa*, ou qualquer

(1) *Per*, a não ser como prefixo, só se conserva na locução adverbial «*de per si*».

(2) *Theoria da conjugação em latim e portuguez*, pag. 48—56.

outra palavra de significação identica. Por exemplo: *“Deixa-se de ter boas intenções, todas as vezes que se escondem os sentimentos com expressões equivocadas—Quando se é criado no meio das riquezas, tem-se difficuldade em persuadir-se de que todos os homens tem direitos”* melhor se construiriam: *“Deixa um homem de ter boas intenções, todas as vezes que esconde os seus sentimentos com expressões equivocadas—A pessoa que é criada no meio das riquezas, sente difficuldade em persuadir-se de que todos os homens têm direitos”*.

503. O infinito dos verbos transitivos pôde, em certos casos, exprimir um sentido absolutamente passivo, de modo que a palavra que representa o agente desse infinito pôde ser posta em relação adverbial, por meio da preposição *por*. Isto acontece.

- 1) com o infinito simples depois dos verbos *deixar, fazer, ouvir, ver* ex.: *«Deixei comer o toucinho pelo gato—Fiz mol-o carregar pela cavallaria—Ouvi-o louvar por todos—Vi-o derribar por Pedro»*.
- 2) com o infinito acompanhado de preposição
 - a) depois dos verbos *estar, ser, levar, trazer* ex.: *«A carta está por escrever—É para admirar que elle não queira ir—Leva pão para comer—Traz agua para beber»*.
 - b) quando depende de adjectivos descriptivos, que indicam aptidão em maior ou menor gráu, taes como *agradavel, bello, bom, digno, difficil, duro, facil, máu, ruim, etc.*, ex.: *«Cousa agradavel de ver—Peixe bom para comer—Osso duro de roer—Massa facil de corromper»*,

Vale a pena lêr o que escreve Reinach (1) sobre isto:

«Como o supino latino, o infinito em sua origem não tem activo nem

(1) *Manuel de Philologie Classique*, Paris, 1880 pag. 145.

«passivo; ou antes, a mesma forma pôde tomar os dous sentidos como os «nomes abstractos: *amor dei*. E' o que ainda se vê nos torneios modernos de phrase: «*Ich höre hrzählen—Par les traits de Jehu j'ai vu percer le père*». Porque o valor nominal primitivo do infinito reaparece em nossas linguas analyticas».

§ 6.º

Modos

I

Indicativo e subjunctivo

504. O indicativo mostra que é *real* o enunciado do verbo: o subjunctivo apresenta esse enunciado como *hypothetico*. Assim, o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo, quando o verbo da clausula principal (373) exprime alguma coisa de positivo, de affirmativo; e põe-se no subjunctivo, quando o verbo da clausula principal exprime alguma coisa de indeciso, de duvidoso.

Deste principio decorrem as seguintes regras :

1.ª

- 1) o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo, quando o verbo da clausula principal exprime modo de pensar, crença, apparencia, affirmação, etc., ex.: «PENSO *que vós sereis nomeados hoje*—CREIO *que tres e dois são cinco*—PARECE *que ella vive bem*—ASSEGURO-*te que perderemos dinheiro*».
- 2) o verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo, quando o verbo da clausula principal exprime surpresa, admiração, vontade, desejo, consentimento,